
**MÁRIO CRAVO NETO “Butterflies and Zebras” (...ou o artista quando jovem)
por Neyde Lantyer, 2013**

Conhecido por suas fotografias em preto e branco, médio-formato e tecnicamente perfeitas, Mario Cravo Neto (1947-2009) apropriou-se de elementos diversos na construção de uma linguagem artística que mescla religião e erotismo, violência e drama, natureza e cultura. Realizadas no espaço glorioso do estúdio – a um só tempo palco e altar para suas construções estéticas – tais fotografias expõem os enigmas que se encontram na base da nossa cultura enquanto dialogam com os grandes mistérios da existência.

Muitos adjetivos grandiosos nos ocorrem ao tentar resumir a importância de Mário Cravo Neto para a fotografia baiana e brasileira. Trata-se de um artista de admirável percepção estética, que conseguiu sintetizar toda simbologia e complexidade de uma cultura ao reunir um número de conceitos, referências e insights tão coerentes quanto inovadores em imagens que continuam influenciando as gerações que a ele se seguiram. Ao empreender uma viagem profunda nas camadas inconscientes da nossa psique coletiva, Cravo Neto acabou por nos conferir uma janela por onde visualizar a nossa própria identidade subjetiva, até então latente, agora representada através do seu trabalho. Artista intermídia, parte de uma geração que abriu o debate sobre a arte contemporânea no Brasil, trafejou pela pintura, escultura e instalações e seu legado é extremamente valioso não apenas para a fotografia, mas para as diversas linguagens artísticas brasileiras.

Não podemos esquecer, no entanto, que, complementar à sua obra de estúdio, o artista deixou um incrível corpo de trabalho em cores de fotografias “de rua”, realizadas nos territórios emblemáticos da velha Bahia, em suas diversas camadas simbólicas. A série ora exposta na Pinacoteca do Estado de São Paulo apresenta aspectos valiosos da iniciação artística de Mário Cravo Neto como fotógrafo, aos 20 anos de idade, na rua, em um país estrangeiro – e muito poderia ser dito quanto às influências que a experiência fora do seu próprio país podem significar para o desabrochar de um jovem artista, especialmente quando o lugar é Nova York no final dos anos 1960, um momento de fabulosa ebulição artística naquela cidade, quando tantos movimentos de vanguarda eclodiram e tantos jovens geniais ousaram, redesenhando o cenário das artes a nível mundial. Vejamos alguns trechos do texto que acompanha a exposição:

“(...) Uma série de fotografias inéditas, do período em que o artista, ainda muito jovem, viveu em Nova York (EUA), está em cartaz na Estação Pinacoteca, na Pinacoteca do Estado de São Paulo. Butterflies and Zebras apresenta olhares (...) sobre a metrópole norte-americana onde (...) morou entre 1969 e 1970, dedicando-se à fotografia, escultura e pintura. A curadoria é de Diógenes Moura e a concepção da mostra contou com o desejo do próprio fotógrafo: “Mario Cravo Neto me (...) mostrou as fotografias e falou apenas: ‘São as fotos que fiz em Nova York’. Cada vez que eu olhava cada uma das imagens, ficava imaginando de que forma cada uma delas teria sido feita. Juntas, formam uma série. Separadas, cada uma delas representa um instante preciso. São como fotogramas. São ao mesmo tempo fotografia e cinema e fotografia”, observa o curador da Pinacoteca, que começou a trabalhar na exposição, junto com Mário, em 2006. O trabalho, no entanto, foi interrompido em função da morte do artista. Agora sai, por esforço de seu filho, o também fotógrafo Christian Cravo. A exposição reúne 250 fotografias (...) mostradas em projeção. Por opção da curadoria, foi acrescentada uma seção com 45 imagens em preto e branco, emblemáticas da carreira do fotógrafo, como “cartão de visitas” ao público menos familiarizado com o trabalho do artista baiano, cuja dimensão o permitiu expor diversas vezes tanto no país quanto fora dele. Para Diógenes Moura, Butterflies and Zebras (...) “é uma experiência sobre o tempo, sobre o destino, sobre o amor, sobre a vida, sobre a morte e sobre como se poderá ir do ontem ao muito além” (...).”

Texto de Neyde Lantyer sobre a exposição de Mario Cravo Neto Butterflies and Zebras na Estação Pinacoteca em 2013.

O imaginário baiano de Mario Cravo Neto por Andrea Fornes, 1996

O fotógrafo Mario Cravo Neto teve uma agradável surpresa com seu filho Christian há alguns dias. Ele fez ampliações belíssimas das fotos do pai.

“As cópias de Christian saíram como se eu mesmo as tivesse feito. Nota dez. Fiquei honrado de saber que minha própria criança, que não é mais uma criança, pôde realizar esse trabalho. É um alívio saber que alguém vai copiar os meus negativos exatamente da maneira como eu gostaria quando eu não puder mais fazê-lo. Somos todos obcecados pelo perfeccionismo. Ninguém pode fazer melhor para o artista do que ele próprio.”

Mario Cravo não possui assistente por uma questão de “despojamento”, segundo diz, e até ter sido surpreendido pelo filho de 21 anos, que também é fotógrafo, tinha de executar a maçante tarefa de reproduzir as imagens infinitas vezes. “As pessoas adquirem sempre as mesmas fotografias”, diz o artista de 49 anos, considerado o mais brasileiro entre os fotógrafos daqui pela revista francesa “Photo”, em sua edição de abril, especial sobre o Brasil. Ele se considera, no entanto, mais baiano do que brasileiro.

Herança familiar

Ao mencionar com orgulho a proeza de Christian, o fotógrafo admite ter havido o que chama de defasagem na educação de seus filhos mais velhos, Christian e Lua Diana, porque quando ele se separou da mulher (dinamarquesa), os dois ainda eram pequenos. “O enriquecimento educacional das crianças se perdeu com a separação. Eu nunca ensinei muito ao Christian, de forma didática e pragmática. Nunca incentivei meu filho a fazer fotografia. Ele aprendeu sozinho. Talvez isso passe genética ou espiritualmente de geração para geração.”

E o artista entende bem de herança familiar: recebeu do pai, o escultor Mario Cravo Júnior -a quem se refere carinhosamente como “o velho”-, a influência que o fez se dedicar no início da carreira, aos 17 anos, à escultura ao mesmo tempo em que começava a desenvolver paralelamente a linguagem fotográfica.

O trabalho de Mario Cravo, como escultor e fotógrafo, sofreu uma guinada em meados dos anos 70, após o retorno de uma temporada na Alemanha (Berlim) e nos Estados Unidos (Nova York).

Em março de 1975, o artista foi vítima de um acidente de carro na Bahia que causou fraturas expostas nas duas pernas e o deixou imobilizado, na cama, por um ano.

“Como passei esse período deitado, um ano entrevado, precisei de mais outro ano para voltar a me locomover. Foi assim que decidi começar a fotografar em estúdio. Nunca tinha feito isso antes do acidente, só trabalhava na rua. Iniciei a fase que chamo de ‘o fundo neutro e meus personagens’.”

O “fundo neutro”

No período de convalescença ele geralmente selecionava entre pessoas que lhe visitavam as que iriam posar: amigos, vizinhos e familiares. Esse fundo, uma lona de caminhão velha e desbotada, é utilizado até hoje e pode ser visto pendurado no estúdio que o artista montou no quintal de sua casa em Castelo Branco, Salvador, onde mora com a mulher Angela e os filhos Lukas e Akira, de sete e quatro anos.

Foi originada durante essa fase do “fundo neutro” uma das obras que o artista considera mais importantes de sua carreira, o ninho de passarinho colocado contra a tal lona. Um dos filhos de Mario Cravo avistou um ninho branco em cima da árvore, no quintal de casa. Os passarinhos tinham tirado fibra de vidro (material que o artista utilizava nas esculturas em acrílico) de seu ateliê e misturado com palha para fazer o ninho.

“Os passarinhos já tinham se apropriado do meu trabalho antes que eu me apropriasse do trabalho deles, como se fosse uma criação de Marcel Duchamp, que costumava desvincular os objetos de sua realidade. Eu deixei de lado o que estava preparando originalmente para a 11ª Bienal Internacional de São Paulo e apresentei o ninho como meu projeto.”

Mario Cravo costuma se inspirar em objetos, personagens e situações que têm a mesma simplicidade de um ninho de passarinho. “Gosto de trabalhar com coisas que são próximas da minha vida, do meu cotidiano, por isso não é um trabalho racional e especulativo. É de cunho mais emocional, sobre coisas que acontecem em minha própria vida.”

Simplicidade

Algumas de suas "stage photographs" mostram, em close, um franzir de testa de sua mãe (Lúcia, 1993), a barriga de grávida de sua segunda mulher ao lado de um cachorro (Angela e Lukas, 1988), as mãos e os olhos de seu pai (Mario Cravo, 1993) ou o rosto de seu filho sendo amamentado (Akira, 1992).

"O meu trabalho não tem nada de modismos ou contextos internacionais. É a busca do meu desenvolvimento psíquico, tem muito a ver com a minha procura espiritual e o estágio que eu gostaria de alcançar, o desprendimento das coisas materiais. É por isso que eu faço questão de mostrar a carga emotiva dos retratados, muito mais do que a simples representação facial deles."

Para Mario Cravo, 50% do que ele fotografa estão dentro dele, os outros 50% restantes podem ser encontrados do lado de fora. "O artista tem de ter dentro dele aquilo que quer expressar", afirma entre um gole de café e outro. A bebida assim como os banhos frios são fonte da disposição para enfrentar turnos de trabalho de manhã até a noite.

Influências

O aspecto emotivo, diz ele, aproxima sua obra à do fotógrafo e etnógrafo Pierre Verger, morto em 11 de fevereiro passado, aos 93 anos. Mario Cravo teria sido a última pessoa capturada pelas lentes de Verger, durante encontro entre os dois promovido pela Folha.

Ambos revelam nas fotos em preto-e-branco de religião, rituais e raça as cores da Bahia. "Sábio e artista, Pierre Verger sabia tudo sobre a África e o Brasil - baiano exemplar, nos engrandeceu e iluminou", escreveu Jorge Amado na "Photo".

Sobre a sua maior influência, Mario Cravo acrescenta: "Verger sempre se considerou um documentarista. Nunca se achou um artista. Talvez por causa disso só tenha questionado no final da vida a magnitude que hoje pode ser vista em sua obra. No início, não encarava sua produção como obra de arte e sim como trabalho antropológico."

Verger ocupa o lugar sagrado de mestre. Mas além dele, Mario Cravo preza também fotógrafos como Peter Witkin, Sally Mann, Diane Arbus e Miguel Rio Branco. Recusa qualquer relação que se queira estabelecer entre as fotos de sua autoria e as de Robert Mapplethorpe. "Não é só porque nós retratamos o corpo que nossos trabalhos podem ser comparados. As fotos dele mostram a realidade gay nova-iorquina e o meu trabalho tem a ver com uma realidade tropical e com a natureza."

Os personagens

Os homens de Mario Cravo, quase sempre negros, exibem seu torso nu contrastando com aves, peixes e pedras. O cenário pode ser o fundo neutro do estúdio do fotógrafo ou um lugar qualquer da Bahia. Suas fotos revelam sensualidade, mas não têm o apelo explicitamente sexual que aparece nos clics de Mapplethorpe.

Mario Cravo é extremamente exigente na hora de escolher quem enquadra com sua câmera. Já fotografou Carlinhos Brown para a capa do disco "Alfagamabetizado" e, no momento, deve estar finalizando a capa do próximo disco de Daniela Mercury.

"São ambos personagens daqui (da Bahia), pessoas que estão à procura das mesmas coisas que eu. O que Carlinhos Brown faz com o ritmo eu posso fazer com minhas imagens."

Ao mesmo tempo, está organizando um livro sobre a Bahia com fotografias coloridas. Não será a primeira vez que o fotógrafo terá um livro seu editado em cores. Antes dele saiu "Exvoto", de 1986, mostrando objetos esculpidos e moldados, exemplos de arte popular brasileira, que são oferecidos como retribuição a uma graça alcançada. É o que no sertão se conhece como promessa ou milagre. Se não há identificação com as pessoas que passam por suas lentes, Mario Cravo não pensa duas vezes para recusar trabalhos comerciais. Os trabalhos comissionados, como ele define, são os realizados "fora dos momentos de solidão e de sofrimento do artista". Quando foi convidado para fazer uma capa de revista com Adriane Galisteu, disse não.

"Se eu realmente retratasse a modelo como a vejo eles jamais publicariam. Seria como um dos personagens grotescos e mórbidos de Witkin. Depois que eu vi o tipo de imagem vulgar que ela transmite, como nas fotos de J.R. Duran (publicadas pela "Playboy"), tive a certeza de que não daria para fotografá-la. Se expor ali é se expor ao ridículo. Não posso fazer um trabalho que não me toque, que eu não admire. Como foto não existe, mas vende. Se fosse chamado para fazer uma foto do Senna teria aceitado com o maior prazer."

Projetos

Assim como uma foto do piloto, a lista de Mario Cravo das coisas por fazer é longa. "Tudo o que não

fiz ainda tenho vontade de fazer”, diz.

Para ele, a produção de um artista deve ser avaliada pelas coisas que já foram feitas e também pelas que não puderam ser feitas. “Alguns projetos eu consegui concluir, outros ficaram só no sonho. Acho isso positivo porque enquanto o artista tem capacidade para sonhar quer dizer que está vivo. A sua força e potencialidade está também nas coisas que ele não chegou a realizar, elas continuam sempre vivas e como um objetivo a ser alcançado. Se conseguíssemos concluir tudo não haveria ambições nem continuidade”.

Texto de Andrea Fornes para a Folha de S. Paulo sobre a obra de Mario Cravo Neto, 1996.

MÁRIO CRAVO NETO

por Rubens Fernandes Júnior, 1995

A FOTOGRAFIA DE MARIO CRAVO NETO É FORÇA PURA, que se torna mais perceptível e impactante à medida que os índices da imagem transformam-se em veículos de alguma identidade ancestral prova de que o natureza dos objetos da cena, quando associada ao caráter de um artista sério e respeitado, é o traço de conexão entre os homens e a divindade.

Cada imagem, produzida cuidadosa e conscientemente, advém de um jogo complexo que se desenvolve entre a mimesis do corpo que experimenta e representa, com a herança explícita das vivências culturais. Mario Cravo Neto prefere realizar seus retratos segundo um conceito estético assumido, onde o fundamental é a tensão e a inquietação, percebidas nos paradigmas constitutivos da sua fotografia. Ele acredita que todo trabalho criativo tem um fundo místico, ou seja, uma relação do homem com o desconhecido, com o imponderável, com o imprevisível.

As fotografias mostram a diversidade do artista que se definiu diante de uma multiplicidade de influências. A experiência do tempo pode ser demonstrada numa variedade de caminhos: ora e o fotógrafo formalista em busca da organicidade, ora é o fotógrafo que registra urna figuração diretamente retirada do imaginário religioso, ora é o fotógrafo memorialista que tenta preservar o senso da revelação mística através das alegorias dos rituais.

É possível encontrar os vários significados que dão fé à capacidade de síntese de Mario Cravo Neto que traz para seu universo conceitual referências específicas e sutilezas da cultura afro-brasileira. Ele propõe a criação de um universo inventivo e singular, evidenciando ao mesmo tempo um diário contemporâneo que iconiza o sensível, o estranhamento, a melancolia e a angústia. A experiência dos limites do realismo e da memória é percebida através da acumulação do tempo e das inscrições das luzes nos corpos e nos objetos.

Memória, para Aristóteles, é a deusa que impede o esquecimento, que está do lado da luz, da vidência inspirada, da antevisão do futuro pela compreensão profunda do sentimento do passado. Nesse sentido podemos flagrar no trabalho de Mario Cravo Neto uma relação direta com o fotógrafo e etnógrafo Pierre Fatumbi Verger, um dos maiores estudiosos dos fundamentos históricos, mitológicos e ritualísticos de origem africana.

Mario Cravo Neto deixa claro que Pierre Verger foi o fotógrafo que mais influenciou seu trabalho em relação à possessão espiritual do corpo. "Ele é o maior fotógrafo contemporâneo vivo da atualidade". Só que enquanto Verger desenvolveu seu trabalho no campo, Mario Cravo Neto realiza seu trabalho no estúdio.

Por trás dessa nostalgia da representação, ele cria um jogo de forças antagônicas, onde o mistério, o dramático, o religioso afloram com a mágica transcendência do olhar.

Neste universo íntimo - projetivo, imaginário e simbólico - a essência do trabalho e a poética do silêncio. Ou como escreveu o respeitado crítico norte-americano A. D. Coleman "for all its quietude, Mario Cravo Neto's world is an optimistic one that bursts with life".

Minimalista, sua acuidade na descrição fotográfica evoca as cicatrizes e as delicadezas de uma herança deixada pela escultura, linguagem que desenvolveu no início de suas atividades artísticas. Mario Cravo Neto propõe uma teia de associações que surpreende pela variedade de situações e por sua força imaginativa.

Mas, nunca esquece que sua linguagem é a fotografia. Mario Cravo Neto sabe que proporções, composição e ambiente são critérios importantes na elaboração de sua sintaxe. Sofisticado, ele prefere os detalhes das baixas luzes e a ousadia do foco crítico para dimensionar os volumes e evidenciar as diferentes texturas.

Além disso, a sensação da taticidade é outro aspecto interessante na obra de Mario Cravo Neto. A sensação tátil é ressaltada pela intensidade de luz e sombra do jogo cênico, pelo ambiente mágico e misterioso e pelos objetos que evocam os mais diversos contextos. Na cultura contemporânea, o olhar é predominante em relação ao cheiro, ao gosto, ao toque, à audição. Nesse momento de dominação do olhar o corpo perde sua materialidade. Transforma-se em imagem, representação.

Com admirável capacidade criativa, Mario Cravo Neto utiliza todo o aparato técnico da fotografia e sua experiência pessoal, para produzir um trabalho provocativo que pela sua transcendência revitaliza as sensações, desejos, medos e fantasias. Fotografias que permitem-nos transitar entre o imaginário religioso e místico e o abismo que nos separa do real.

Texto introdutivo de Rubens Fernandes Júnior para o livro Mario Cravo Neto publicado pela Editora Aries em 1995.

MÁRIO CRAVO NETO

por Peter Weiermair

Mario Cravo Neto foi treinado em artes como escultor, atraindo maior atenção nos anos 80, com instalações – ainda sem recursos fotográficos – nas quais ele justapunha coisas animadas com inanimadas em variadas relações umas com as outras.

Mario Cravo Neto continua a empregar o princípio da instalação até hoje. Um trabalho apresentado recentemente mostra projeções fotográficas em grande formato – Meu propósito em mencionar a diversidade de métodos é para contribuir para um entendimento das clássicas fotos de estúdio, com referência a um mais complexo fundo conceitual. Devemos nos lembrar, entretanto, que Mario Cravo Neto tem estado intensamente preocupado em documentar sua Terra Natal Bahia no Nordeste do Brasil, em suas manifestações visuais e sua colorida cultura. Ele se vê como parte de sua cultura e suas fotos mostram um forte insight na herança cultural, étnica e religiosa do povo que lá vive.

A energia que toma forma em suas fotos tem suas raízes no mito. É a expressão de um estado de espírito pertencente, devemos reconhecer, à uma percepção religiosa do mundo. As fotos estão embebidas no exotismo da cultura Afro-brasileira e, elas refletem ao mesmo tempo a magia tribal xamanista e a sensibilidade barroca da cultura Portuguesa no Brasil, no qual o culto negro religioso importado da África se uniu. Mas Cravo Neto não é um etnologista. O poder de suas fotos reside no fato de serem abertas e não permitirem associações iconográficas com qualquer culto em particular. De forma mais ampla, um sem número de fotos podem ser colocadas no contexto “candomblé”, religião Afro-brasileira com sua visão do cosmos, sua liturgia e rituais arcaicos. As fotografias levam o observador à uma ponte entre culturas. Elas falam de emoções e não podem ser compreendidas somente através da razão.

O fotógrafo foca o essencial; corpos e partes de corpos; objetos primários de um mundo conhecido por todos. Desta forma ele comunica a natureza essencial de coisas e seres humanos assim como suas relações de um para o outro. Teus modelos são conscientes de sua própria dignidade e beleza. O uso do espaço e o enquadramento fortalecem a referência do detalhe produzindo metáforas de grande poder.

Cravo Neto traz o observador muito perto de si. Os objetos aproximam-se do observador saídos de sua própria penumbra ou, se afundam nela. Corpos e faces – particular atenção é dada à cabeça, a sede do espírito - mas também orifícios como as orelhas, bocas e olhos, os quais representam sentidos funcionais e simbólicos, parecem ser intuídos. Os modelos praticam auto imersão meditativa para o fotógrafo e assim como os objetos cuidadosamente escolhidos com os quais eles entram numa relação de diálogo, eles aparecem totalmente únicos e fundamentalmente autênticos. As fotografias comunicam a energia física e o poder espiritual da pessoa individualmente.

Cravo Neto habilmente enfatiza a autoridade do momento presente de forma frontal. Usando luz e cortes, ele concentra, como já foi estabelecido, no essencial, trazendo o observador muito perto do assunto sem torná-lo um “voyeur”. Um bom exemplo pode ser visto na foto de uma criança descansando no peito da mãe, tirada do ponto de vista da mãe amamentando. Somos lembrados de Cravo Neto, o escultor, quando notamos a forte qualidade tátil, as superfícies e estrutura da pele, penas ou cabelo. Os objetos bidimensionais virtualmente pedem para ser tocados. O artista intensifica a densidade, beleza e qualidade dos materiais através do uso de detalhes e uma luz dramática. Isso fica evidente no caso dos galhos que saem de uma boca como um grito e pode ser visto também nos músculos de uma pessoa curvada, enfatizados pela concentração e isolamento, nas penas brancas colocadas em contraste brilhante com a pele negra e nos peixes pendurados, pesadamente, sobre

as costas de um homem. Tais qualidades táteis são engrandecidas pelos elementos de tensão, energia e concentração.

A luz e a abstração em preto e branco desta fotografia de estúdio, juntamente com seus objetos, aumenta a beleza de uma animalidade arcaica. No teatro destas imagens, a função intrínseca destes objetos não é só simbólica mas fetichista; elas intimidam que o observador seja levado à privacidade da prática de alguma fé panteística. Assim elas permanecem crípticas e elípticas, sendo que o observador – não como um turista testemunhando rituais religiosos de uma cultura que não é a sua – observe a forma sem penetrar o mistério. A beleza estrutural das superfícies não é usada para seus próprios propósitos, elas já possuem um significado ritual sem estarem precisamente definidas. Os corpos são colocados em oposição aos objetos numa geometria ideal, tais como uma bola. Objetos, mas também, animais são combinados com pessoas. Um excelente exemplo é a fotografia da capa deste livro, a qual aponta para uma analogia entre o modo de ver humano e o animal.

Freqüentemente a dualidade entre objetos inanimados e representantes do mundo animado é sublinhada. A identidade do sujeito é sempre obscurecida por algo – uma pedra, uma tartaruga, um pássaro, um ídolo Africano diante de suas cabeças. O trabalho nunca sugere alienação facial, mas sim o oposto: uma sublime união do homem e natureza. E estes objetos podem ser vistos num contexto arcaico e cósmico e contra um fundo da misturada religião Afro-brasileira, então seguramente podemos dizer que o gestual nestas fotografias, como uma linguagem própria, também aponta para outro tipo de significado.

Os gestos e os olhos dos modelos envolvem o observador, colocando-o dentro do espaço da fotografia. O trabalho de Cravo Neto não é o de simples fotos de experiências sublimadas. Elas tem grande força poética e beleza. Elas são símbolos de fertilidade, do caráter animal da vida, da morte e vida, da iluminação e do pensamento da força e da inocência e da proteção e da necessidade de proteção.